

A FLORESCENCIA

JORNAL LITTERARIO

Redactor-Chefe: JOSE' JORGE DAS NEVES



Redactor-Secretario: A. T. GRAÇA

ANNO I

S. PAULO, NOVEMBRO 1916

NUM. 5

EXPEDIENTE

"A FLORESCENCIA" é publicada em fins de cada mez e em dia indeterminado.

ASSIGNATURAS

Anno	2\$000
Semestre	1\$000
Numero avulso	\$200
Atrasado	\$300

Redacção e Administração:

RUA PONTE PRETA N. 30 - (BRAZ)

Toda a correspondencia deve ser dirigida a José Jorge das Neves, Redactor-Chefe, para a caixa do Correio n. 2 (Braz) S. Paulo.

Não se devolvem os originaes embora não publicados.

São Redactores Auxiliares desta folha os Srs. J. H. Coelho de Araujo, Antonio Pinto Braga e Italo Adami.

AVISO

Volta a pertencer a esta redacção, como Redactor-Auxiliar, o Sr. José Hosanna Coelho de Araujo.

Concurso Litterario

Continua aberto o concurso litterario que, pela concurrencia despertada ao antecedente, abrimos nesta folha.

Consta do seguinte: compor um «conto» sobre qualquer thema, porém, que não seja muito longo, pois, ao classificado em primeiro lugar offereceremos o livro de contos «Jardim das Oliveiras» de Coelho Netto.

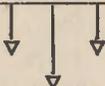
Os trabalhos serão julgados por uma comissão, cujos nomes publicaremos depois nesta secção.

O presente concurso será encerrado com o nosso 6º numero.

Os trabalhos devem vir separados de qualquer outro escripto e com a declaração «Para o concurso litterario».

O NOSSO CONCURSO

I. LUGAR



AUSENCIA ETERNA

Felo 2.º anniversario da morte de meu Pae

Nunca mais, nunca mais ao lar querido,
Onde deixaste a prole idolatrada,
E a eleita de tua alma, a esposa amada,
Has de voltar, oh! Pae estremecido!

E vejo o pranto acerbo e dolorido,
A expressão lancinante e contristada,
Desse adeus, á familia mergulhada
Na mais extrema dôr, meu Pae querido!

Sim! Vejo tudo, oh! tudo!... Essa agonia
Prolongada e cruel, como no dia
Em que a vida a fugir te abandonava!

Se o espirito buscava a eternidade,
O coração de Pae, todo saudade,
Se prendia aos filhinhos que dei ava!

São Paulo, 27/9/916.

Beatriz Nazareth Moreira

O NOSSO CONCURSO

E' hoje que damos o resultado do nosso concurso de sonetos.

Foi um verdadeiro successo o alcançado, pois para elle recebemos nada menos, de dezenove sonetos, dentre os quaes, convem notar-se, alguns primorosos e outros fracos, no entanto assim mesmo muito nos jubilamos, porquanto mostra isso, que a nossa modesta folha é apreciada.

O primeiro lugar coube á nossa intelligente collaboradora Sta. Beatriz Nazareth Moreira, o segundo á Sta. Nathercia Vampré de Andrade e o terceiro ao Sr. Jayme de Oliveira, que já é auctor de alguns livros de versos.

Os trabalhos foram julgados por trez pessoas bem competentes, dentre as quaes o Dr. Arthur Bittencourt, unico que nos permittiu publicar seu nome, não querendo as outras, por modestia.

Os sonetos classificados em segundo e terceiro lugares, publicaremos respectivamente nos nossos sexto e setimo numeros.

A' Sta. Beatriz Nazareth Moreira, o nosso Redactor-Chefe juntamente com o Secretario irão entregar o premio que pelo direito lhe coube.

O soneto premiado é o que se acha acima, e que mostra bem o pulso dessa talentosa jovem, que desde o nosso primeiro numero, vem abrilhantando as suas columnas.

Portanto eis tudo: «Premio ao trabalho».

A Redacção

IDYLLIO

N' alguém...

A tarde findava-se. O ceu azul claro, aqui e allí, marchetado de ouro e purpura, lenta e insencivelmente enchia-se de vislumbres subtis; e o astro rei — o sol — então brando, morno, espargia focos multicores e semi-mortos de luz sobre a terra, deixando-a scintillante naquella hora calma, triste, e vagarosamente deitava-se a pouco e pouco além, sobre os pincaros das altaneiras montanhas que se erguiam verdejantes, bellas, no horisonte.

Sentados sobre um banquinho rustico, no meio das flores agrestes, perfumosas, Jandyra e Paulo, sorviam felizes a doce fragancia que a viração trazia com o seu continuo passar... E na contemplação do ceu, do sol, dos montes, dos prados, e de tudo que a Natureza lhes apresentava em face, como que, para mostrar-lhes a sua magnificencia, os seus encantos, se quedaram, emudeceram... Longo tempo permaneceram assim, ambos sonhando. Inconscientes do que em torno se passava; esquecidos dos que não muito longe delles viviam... Finalmente um suspiro profundo, um destes suspiros com o qual, a alma diz o que sente, quebrou o silencio da tarde.

Jandyra chorava, os seus bellos e negros olhos, estavam marejados de perolas sublimes que aos poucos, cahiam sobre o seu lindo seio nascente.

— Jandyra!... O que tens?... Porque choras?... murmurou Paulo, afflicto.

«Não me respondes? Porque não fallas? Não ouves?..»

— Paulo!. Paulo!.. Eu soffro.

— Porque e de que soffres?

— Ah! não sabes? Eu previa...

— Como queres que eu saiba?

Se ainda nada fallaste! Previas, o que?

— Nada!.. Nada!..

— E' assim que me respondes?

— Mau!.. E's mau, Paulo.

— Jandyra, o que te fiz? Perdoa-me se te offendi...

— Paulo! Paulo! Eu amo-te...

A noite já cahia pesada e negra sobre a terra em sombras e silencios; porem, felizes, alegres, elles ainda se achavam sentados entre as flores, de mão enlaçadas, com sorrisos nos labios, de olhos

perdidos no firmamento erguendo constrictos, preces á Deus.

Coelho de Araujo

S. Paulo.

SONHOS

Desalento

Os dias succediam-se uns após outros e apezar das constantes promessas de regresso, Antonio não vinha.

Num mez faltou carta.

No seguinte a mesma falta e nos demais o mesmo sempre.

Um grande desalento invadiu o espirito da infeliz moça, que não fazia outra coisa senão chorar noites inteiras, perguntando a si mesma e deante de um quadro da Virgem, si «elle teria morrido» ou «si della se teria esquecido»...

Não, isso não. Antonio não a esqueceria nunca, não a trocaria por outra... tinha a certeza... jurára-lh-o...

— Mas porque não escreverá elle?

Perdeu desde então toda a alegria.

Mudou por completo, retraindo-se, fugindo das festas, do convívio dos outros.

Trabalhava sem gosto, sentia um perder de energias...

Já passára um anno... e nada.

— Morreu, com certeza, exclamava Joanna, sentada numa arca junto da patrão, morreu, dizia numa explosão de lagrimas, choro convulso, denunciante de partir, dilacerar de uma alma amargurada...

Não que o desgosto era muito.

E, realmente ella não se enganára nos seus presentimentos tetricos da morte delle, porque por noticias particulares sabia-se que elle morrêra, na roça, com a febre.

Ella tudo ignorava... Não lh'o diziam com pena...

A idéa da morte de Antonio nunca mais a abandonou. Noite e dia, com uma persistencia cruel, o tormento desse presagio triste, a perseguia...

Emmagrecia, definhava a olhos vistos... Toda a gente a lastimava.

— «Coitadinha, como gostava delle», diziam.

Quem a visse e recordasse a moçoila forte de outros tempos, a Joanna de vestidos garridos, lindas tranças, sadias côres, sempre cantando, desconheci-a agora... pallida, magra, olhos encovados, feições

afiladas, dir-se-ia um esqueleto animado de vida.

VI

Voando

Adoecêra.

Alguns dias de soffrer cruel, e por fim, ao findar de uma tarde, quando o sol fugia por entre o arvoredos dos bosques, enviando seus raios derradeiros á terra, e após um anejo de agonia dolorosa, expirára.

Morrera alfim tambem quem tanto amou

Todos a choraram.

— Morreu a Joanna! circulou logo por toda a aldeia.

Como estava linda linda no seu caixão todo branco, puro de neve!

Julgal-a-hiam dormindo, tal a serenidade de seu rosto apenas muito pallido, gélido, signal característico do beijo da morte...

Voára aos céus aquella alma candida!

Levaram-na a enterrar no dia seguinte.

Lá ficou no humilde cemiterio da aldeia em campa raza, protegida pela sombra de uma cruz, acariciada pelos osculos meigos da lua, que em tempos idos, punha scintillações de prata nos cabellos da agora morta, e orvalhada pelos rócios das madrugadas, daquellas madrugadas em que tão cedo se erguia para a labuta da vida.

E, pela calada da noite, diziam que junto dessa campa, se viam fórmias vaporosas de anjos, tecendo grinaldas de flôres, com que adornavam a sepultura e a cruz.

Assim teve triste epilogo toda essa scena de amôr campezino, desfazendo-se os sonhos da pobre moça, como se desfazem as lindas nuvens côr de purpura e oiro, que peregrinam pelos céus... FIM

David Bueno Machado

S. Paulo.

TRISTESAS!

E' meia noite. Nenhum rumor; sómente ao longe, o uivar tenebroso dos cães nas herdades se faz sentir.

Encontro-me entre as quatro paredes de um humilde quarto de uma mesquinha casa do bairro...

O meu coração palpita fortemente; sinto em mim tristes presentimentos e vem-me á memoria os tempos ditosos e os motivos que me arrastaram áquelle ermo.

Subitamente sinto bater de leve á porta.

Estremeço, vou desfallecer tal o pavor de que me acho possuido e calafrios constantes percorrem-me o corpo.

Antevejo mais nitido o passado e os olhos debulham-se-me em lagrimas — é a saudade.

Batem de novo á porta. Indago, com medo, quem poderá ser o importuno. Ninguém me responde; cambaleando dirijo-me a porta e abro-a. Nada vejo, apenas o pio lugubre de uma coruja, se ouve distante.

Fecho a porta com vagar; novamente o pranto vem a mim.

Soluço, choro, maldigo, imploro á saudade mas esta não me attende; ao abrir a porta fugira-me e com ella a derradeira esperança.

I. A.

São Paulo.

N'algue[m]

A noite se approximava pouco a pouco, estendendo por sobre a terra seu negro manto, sem ter a debuxar-lhe o contorno e o centro, a sidérica luz da rainha dos astros e o rebrilhar rapido, scintilante da inspiradora dos poetas

Ahi me achei a gosto, pois que não tinha a dar-me nauseas, o perfil afeminado de peralvilhos pedantes de fementida educação a tresandar nas suas fallas putridas, palavras hypocritas.

Só havia estudantes e hohemios com toda a sua bella simplicidade e pensamentos sonhadores.

Sózinho, n'um canto, nada mais tinha a fazer senão abandonar-me ás minhas reflexões pessimistas.

Mas em breve ellas se dissiparam como por encanto quando senti chegarem até a mim, as primeiras notas da Ave Maria de *Gounod*, que uma orchestra executava n'uma sala contigua daquella em que me achava.

Puxei de um cigarro, e cousa extranha, ao soltar a primeira baforada de fumaça, senti uma certa tontura, e, ao son da musica sentimental, divina, embalei na minha imaginação de adolescente, sonhos cheios de doce encanto e loucura.

Parecia que aquellos sons eram palavras que vinham recordar-me o passado.

Só então lembrei-me que tinha um coração que sente e palpita

com ardor, e comprehendi que elle soffria sem a consolação de um ente que está distante; agora mais do que nunca, ama a quem tinha feito soffrer, enxovalhando, e de uma maneira infame regeitado o seu amor.

Manoel Mendes

S. Paulo.

RELIGIÃO MORAL E DIREITO

Aos meus collegas:

Bem difficil é que se pratique a moral san e o puro direito — a justiça — sem a benefica influencia da religião.

Não ter religião é não crêr na immortalidade.

Não ter crença é não ter estimulo.

Praticar a moral pura por principio e a recta justiça por simples equidade é altamente dignificada.

Mas onde tal pratica encontrais por regra?

A religião de Estado, considerada incompativel com a liberdade, pouca influencia pode exercer para disseminar tão salutar sentimento.

Ahi ha qualquer cousa que se parece com a coacção, e esta não é admissivel ao lado do desejo e da convicção, principios basicos da crença.

No ensino não obrigatorio da religião está o grande merito.

Um appello á mocidade e principalmente ao professorado! Porque não convocam extraordinariamente seus alumnos, para lhes ministrarem os principios da religião que tanto elevam o espirito humano!

Praticar a religião é pois, praticar a moral e o direito.

E na sociedade onde se disseminar a religião ahi serão praticados os principios de moral e de justiça.

A taes principios cabe a mocidade dar o maior incremento para o engrandecimento do Brazil.

J. D Machado Cesar

S. Paulo

POSTAES

A' quem me comprehende...

A indiferença da mulher amada, é a maior affronta que pode haver para o homem que ama; não

achando este, um meio pelo qual possa desaffrontar-se.

Coelho de Araujo

(S. Ephigenia)

**

Respondendo ao amigo José Jorge das Neves:

Occasiões ha em que no momento de uma discussão espiritos maliciosos definem mal as palavras, originando dahi a vil intriga.

— A' distincta postalista Beatriz N. Moreira:

Toda a mulher que se apaixona pelo homem é porque não tem traquejo na vida.

David Bueno Machado

(S. Paulo)

**

Para o amigo José Hosanna Coelho de Araujo:

Quando uma mulher, é conduzida pelo homem, para o caminho do desperdicio, nem sempre é porque seja fraca como a reputam, mas sim, sendo casada, porque não sabe respeitar o vinculo que lhe deu o nome de mulher e deu ou dará o nome de mãe, e sendo solteira, porque não valorisa a honra nem quer esperar aquelle que cedo ou tarde lhe dará os sacrosantos nomes de mulher e mãe.

Alfredo Teixeira Graça.

(Braz)

Reflexões

Qual um casal de pombinhos, ditosos viviam n'aquelle bendito ninho de amôr!

Eram jovens ainda!

Um dia a Providencia Divina, quiz presentear-os, e offereceu-lhes uma formosa menina, primeiro fructo de seus amores, augmentando assim a felicidade conjugal!

Rodeada de todo o carinho, tanto materno, como paterno, era ella, o particular enleio, o unico sonho de seus progenitores.

Passaram-se alguns mezes, talvez um anno... A carinhosa mãe e distincta esposa, adoeceu...

O seu companheiro e bom esposo, precipitado, allucinado até, correu em busca de um auxilio, para a sua salvação.

Mas, tudo em vão!

Veio a negra morte e ceifou para sempre a vida preciosa d'aquella santa e com ella a alegria d'aquelle ditoso lar, deixando a menina na orphandade e o infeliz esposo sob o negro véo da viuvez...

E hoje distante um do outro vivem, sacrificando-se este, pelo futuro d'aquella, em cujo semblante photographou-se idealmente a imagem de sua esposa.

**

Oh! morte, morte ingrata!

A'quelle tiraste a esposa amada, a esta a mãe querida, destruiste a felicidade d'esse casal; e seguindo sempre o teu itinerario, chegaste tambem á minha casa, arrancaste do seio da familia, o seu chefe, atiraste-me no abysmo insondavel da orphandade, envolvendo-me para sempre em crepes, o coração que ha dous annos, afflicto chora, a ausencia do ente para mim mais querido, o Pae estremecido!

Oh! morte, como és ingrata e desapiedada, que sem exitar, tornas um ente, um lar, uma familia, de um momento para outro, infeliz e muitas vezes para sempre...

Beatriz N. Moreira

HUMORISMO

CAPRICHOS DE UMA MULHER

O beijo Desejado

Lina era mulher adoravel, elegante e formosa, olhar negro, voluptuoso e languido, cabelo tambem negro e sedoso.

Sensível em extremo, vivendo para o prazer e para o capricho, Li-

na era o protótipo da heroína do amor.

Ardia sempre no desejo de satisfazer as suas mil caprichosas aspirações, sentia ambições que ella propria não sabia explicar.

Tinha vinte annos quando vira Fernando, um jovem advogado que a amava com loucura; namoraram-se um anno, ao fim do qual casaram indo viver para uma linda casinha no Estoril.

Lina, a todos os instantes pedia beijos a Fernando, lançando-lhe os braços ao pescoço e fazendo-lhe mil caricias. E um sensualismo extremo dizia a Fernando:

Amo-te! Amo-te muito! Mas nunca me dêste, Fernando querido, o beijo que sempre sonhei, que tem sido a minha ambição... E, comtudo, tu podias da-lo... Mas não sei porque mostras-te tão indifferente para commigo...? Acaso me não amas já, Fernando?!...

E Fernando, beijando-lhe a boquinha rubra, apertando-a contra o peito, desfez-lhe essa louca ideia.

Largo tempo assim se conservaram, labios com labios num beijo prolongado, até que Lina desprendendo-se dos braços de seu esposo começou saltitando com alegria infinda, exclamando:

— Foi este, Fernandinho querido, o beijo que sempre ambicionei.

E desde então limitou-se a aceitar os beijos de seu esposo; já não lh'os pedia, porem, como outr'ora.

**

Hoje, Lina divorciada, aceita a côrte d'um garboso militar e, em segredo, diz-lhe muitas vezes:

Amo-te! Amo-te muito! Mas não sei porque, nunca me deste o beijo que tenho sonhado, o beijo que

tem sido sempre a minha ambição... Mostras-te sempre tão indifferente para commigo...? Acaso me não amas já, Alberto?!...

Lina, a caprichosa, anda de novo em procura do beijo desejado, para logo fugir á cata dum outro ainda melhor, que satisfaça mais a sua sêde de prazer.

Aqui fica este conselhosinho aos jóvens casados: nunca aceitem beijos que tenham sido o sonho de vossas esposas; prefiram os beijos de occasião, que são expontaneos e sabem melhor.

E se poderem rouba-los, ! então, são divinais!...

Eurico Cardoso

(Leonel)

As contradições são proprias de pessôas que reconhecem seus erros passados. — *Capestang (Santos)*.

**

Ter fé inteira numa crença qualquer é ter um allivio para as horas de soffrimento. — *Eurico (Amparo)*.

**

O ente que se julga e se proclama superior aos outros é um vaidoso digno de lastima. — *Marietta Menezes (Braz)*.

**

A infelicidade é uma obsessão dos que aspiram a venturas superiores ás suas forças e á sua incapacidade. — *Isabel (Campinas)*.

PENELOPE

Por *COSTA MACEDO*

Dixaram, os misenrados, alguma coisa á filha, e ella, assim, teve com que viver.

Como era um anjo, boa e lyrical, teve tambem gasalhado e protecção de uns lavradores escorreitos de alma e carne. Puzera a esse tempo o seu affecto vibratil a trabalhar pelos doentes necessitados: casinhoto em que faltassem um caldo para uma bocca esfomeada ou mãos para o peuso de uma perna chaguenta, lá estava Delfina

com a sua esmola e a sua dedicação.

O povo, grato e crente, tratava-a de Santa. E ella era assim, feliz: feliz no sacrificio intergiversavel pelo proximo.

Por teimosia da mãe, tinha sido educada nas Irmãs Dorotheos de Villa do Conde; e lá, onde não havia o materialismo, nem tão pouco mortificações dos cenobios medievos, dera lustre ao espirito e castidade á alma.

Depois, cá fóra, se se não fundia em recatos extraordinarios, espirituaes, sustinha-se comtudo no bello traço da decencia, por modo a fazer mozza a um mr. Figuiet e

aparvalhar os rudes, aos quaes parecia sobrenatural o nascimento d'aquella açucena em tão lamacento jardim.

E floriu impolluta, sem a mais evaporante gracejo do rapazio, até chegar a amôr, Guilherme, posto de condições minguadas, agrado-lle absolutamente, prendeu-a com a arcaria potente do seu torax, a sua face erguida, torrada como a de um vulcano, com todo o seu ser lavado e forte, intelligente e utopista.

(Continúa)



VOZES D'ALMA

ANTE UMA TUBERCULOSA

Ao preclaro mestre sr. Basilio Castrucci:

Quem como eu, te avistou sempre ridente,
Cheia de graça, de-lumbrante e bella...
E em versos revelou-te amor, ardente,
Sentirá a dor cruel que me flagella...

Fujiram-te os encantos de donzella;
E teu olhar já baço, olhar dolente,
Volves para o destino que revela,
Estar a morte vil na tua frente...

Ao ver-te assim penar quêdo me triste,
Porque nunca pensei que assim tão cedo,
Carpisses tanta dôr e sofrimento.

E ao meu destino, já que o mal existe,
Qual condemnado ás dores do degredo,
Peço também o fim do meu tormento.

S. Paulo 5-11-916

Alfredo Teixeira Graça

NAS GARRAS DO ODIO

O golpe que me dêste foi um crime,
Hirto castigo ou infimo peccado.
Penetra ainda e sem piedade opprime
O meu sensível coração magoado.

Tudo o que foi encantador, sublime,
Tornou-se em ruina, fez-se calcinado.
E o teu semblante que a magia exprime,
— Enlevo n'um painel representado.

Não és mais o anjo que eu sonhava tanto,
Por quem na vida desprezei as flores,
Por quem na lyra dedilhei o encanto...

E's, querida, o punhal ferino e eterno,
E por isso maldigo os teus amores,
De creatura angelica do inferno.

S. Paulo

Ferreira Alves Junior

DJANYRA

E's tão formosa, Djanyra,
Tão bella e cheia de encanto,
Que até me deste uma lyra,
Em que eu quizera cantar,
A tua graça sentida
Que minh'alma entristecida
Sempre de maguas ferida,
Loucamente fez ancilar.

Mas ao meu cantar agreste,
Parte se a lyra, e, não mais
Ouvirás anjo celeste,
Essa almejada canção:
E eis o cantor pobre em arte
Que não podendo cantar-te
Vem humilhoso implorar-te,
"Amizade e compaixão,,"

Antonio G. S. Garcia

DOCE OLHAR

Eu não acreditava
que simplesmente a luz dum doce olhar
tornasse a alma uma perfeita escrava.

Contudo, ó flor sem par,
quando hontem, passando tu me olhaste,
mal imaginas que no mesmo olhar
a alma me levaste.

Antonio Fogaça

LEMBRANÇA

No Album da Srta. Nair Salgado

Se o verso divinal facil brotasse agora,
Numa doce explosão de luz e fantasia,
Em vez de aqui deixar a noite escura e fria,
Talvez deixasse clara e resplendente aurora,

Não pode alegre rir quem neste mundo soffre,
Quem vive a maldizer esta existencia ingloria,
A' muito a dor atroz, ingrata, merencorea,
Me dilacera o peito, amargurado cofre.

Jaz hoje murcha a flor da minha mocidade,
Que n'outro tempo foi o meu iris risonho,
Morrem as illusões, desvanece-se o sonho,
E o coração me fere o espinho da saudade.

A blasphemia, o estertor dentro de mim escuto,
Minha alma geme, chora, estorce-se convulsa;
E' que eu pertenco á dor e minha lyra pulsa,
Somente traduzindo a magua, o pranto e o lucto.

O mundo é um lodaçal insondavel, nojento,
Onde naufraga o genio e a pujança do artista,
Ninguem lhe fugirá; com lagrimas na vista,
Nelle me arrasto ainda ao furacão violento.

Esprairo o olhar, que vejo em torno? — A
lucta cega,
O triste entre-chocar de lanças e de espadas,
Gritos de odio, clamor, maldições, gargalhadas,
E os derradeiros ais do que extrebuxa e offega!

O arrebol de meu ceu é só feito de magua,
E eu tento, em vão, fugir das malhas dessa rede
Canço me de luctar, ardo de febre e sede,
E para as nitigar vejo fogo em vez de agua.

A vida, inglorio mar de negros amargotes,
Envolta em risos mil eu contemplar quizera,
Para feliz rimar os sonhos e a chinera,
Num ramalhete ideal de campezinhas flores!

No entanto sinto agora uma bonança,
Illuminando o meu viver tão tormentoso,
E' que o meu coração sente-se assaz ditoso,
Por neste album deixar uma simples lem-
brança!

São Paulo.

José Jorge das Neves

SALÃO ALFANO**Andréa Alfano**

Neste bem montado Salão, os srs. Clientes encontrarão o maximo conforto e asseio desejado, a par de um serviço de barbeiro e cabeleireiro esmerado. - Grande sortimento de Perfumarias finas, Nacionaes e Extranjeiras. - Applicação de Massagens com Vibrador Electrico - Attende chamados a domicilio.

PRECOS MODICOS

AV. RANGEL PESTANA, 275 - S. PAULO

Pharmacia "FLORA,"

- DE -

ALFREDO ALVES GRAÇA

Consultas diariamente pelos abalissados clinicos:

DR. W. GORDON SPEERS

Medico parteiro e operador
das 18 as 19 horas

DR. A. DE VASCONCELLOS

Molestias de senhoras e vias urinarias
das 15 as 16 horas

Illmo Snr.

Affonso Freitas Junior
José Paulino nº 12
Capital

:: Orlando de Oliveira Godoy ::

CIRURGIÃO-DENTISTA

Trabalhos de prothese dentaria, pelos processos americanos, mais modernos — Extracções completamente indolores — Obturações invisiveis á porcellana — Tratamento da pyorrhêa pela electricidade :: e pelo sôro Wright — Correção das anomalias dentarias ::

Consultas: das 8 ás 11 e das 13 ás 16 - Rua Carneiro Leão, 171 - S. Paulo

PAPELARIA BARÃO DO RIO BRANCO

- DE -

LUIZ MINGUES & COMP.

Typographia e Encadernação - Livros em Branco, Cadernos, Blocks Escolares, Objectos para Escritorio, Carimbos de Borracha e Saccos de Papel

Avenida Rangel Pestana N. 144-A

São Paulo

FABRICA DE CIGARROS - DE -**Florencio Pereira Lopes**

SÃO PAULO

Fumo em corda das
melhores procedencias

POÇO FUNDO

PLANETA

PALPITE

ITANHANÚ

Em deposito permanente

Fabricante exclusivo

dos cigarros

HILDA - ZÉ

TROVADOR

CARLO ERBA E

JEAN JAURÉS

PARODIA - POMPEA

VALDA - WATRY

Av. Rangel Pestana, 319

(BRAZ)

CAIXA do CORREIO, 13

Productos puros e de

qualidade

extra superior

Fumos desfiados

das

melhores

marcas

Telegrapho N. 319

:: Telephone N. 411 ::

Chapelaria "FLOR DO BRAZ,"

Especialidade em Chapéus

Extranjeiros e Nacionaes

Avenida Rangel Pestana N. 171

São Paulo

Ao barateiro do Braz

Completo sortimento de ferragens para construcções, tintas e vernizes, trens de cosinha, louças, porcelanas, cristaes e fantacias. — O maior sortimento. — Por motivo da CRISE grande Reducção nos nossos preços.

Rodrigues Quaresma & C.

Av. Celso Garcia, 24 - esq. R. Progresso
Telephone, 115 - Braz